

Raquel Vilaça | Miguel Serra

(editores)

**Matar a fome, alimentar a alma, criar sociabilidades**  
Alimentação e comensalidade nas sociedades pré e proto-históricas

**To feed the body, to nourish the soul, to create sociability**  
Food and commensality in pre and protohistoric societies



COIMBRA | 2016

Raquel Vilaça | Miguel Serra

(editores)

**Matar a fome, alimentar a alma, criar sociabilidades**  
**Alimentação e comensalidade nas sociedades pré e proto-históricas**

**To feed the body, to nourish the soul, to create sociability**  
**Food and commensality in pre and protohistoric societies**

## FICHA TÉCNICA

### **Título**

Matar a fome, alimentar a alma, criar sociabilidades  
Alimentação e comensalidade nas sociedades pré e proto-históricas

To feed the body, to nourish the soul, to create sociability  
Food and commensality in pre and protohistoric societies

### **Coordenação editorial**

Raquel Vilaça | Miguel Serra

### **Paginação e Edição de imagem**

José Luís Madeira

### **Capa**

Solveira (Foto: Carlo Bottaini)

### **Edição**

Instituto de Arqueologia | Secção de Arqueologia | FLUC  
Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta | CEPBA  
Palimpsesto, Estudo e Preservação do Património Cultural Lda.

### **ISBN**

978-972-99352-6-8

Suporte electrónico | Formato PDF

## **Faunas domésticas e rituais funerários em Alcácer do Sal (Idade do Ferro)** Domestic faunas and funerary rituals in Alcácer do Sal (Iron Age)

*João Luís Cardoso*

Universidade Aberta, UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa e  
Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (C.M.O.)  
cardoso18@netvisão.pt

*Ana Margarida Arruda*

UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa  
a.m.arruda@letras.ulisboa.pt

### **Resumo**

As escavações das décadas 20, 60 e 80 do século XX na necrópole da Idade do Ferro do Olival do Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal, as primeiras sob a responsabilidade de Vergílio Correia e as duas restantes dirigidas por António Cavaleiro Paixão, permitiram recolher um importante conjunto faunístico.

Os restos, variados quanto às espécies e no que diz respeito às partes do esqueleto representadas, foram recuperados quer no interior das sepulturas quer na área entre elas. A análise contextual que foi possível concretizar permite leituras acerca dos rituais praticados, que não se esgotam na clara evidência da prática de actividades que se relacionam com o consumo de alimentos na área da necrópole. Este consumo, que pode ter assumido o carácter de “banquete”, é aqui estudado, tendo em consideração as espécies consumidas, que são também abordadas na perspectiva de oferendas aos indivíduos sepultados.

Por outro lado, as características desta necrópole, cujos espólios e arquitectura evidenciam forte relação com o Mediterrâneo central e oriental, são determinantes na discussão das práticas de rituais orientais, no Extremo Ocidente, como as agora descritas.

### **Palavras-chave**

Alcácer do Sal, necrópole, Idade do Ferro, fauna, banquete funerário.

### **Abstract**

In the archaeological works carried out by Vergílio Correia and António Cavaleiro Paixão in the 20's and 60/80's decades of the last century an important faunal set was collected. The remains, of different species and of different parts of the carcasses, were recovered either inside the graves or in the area there between them. The contextual analysis allows interpretations about the rituals practiced, which are not only related with the consumption of food in the area of the necropolis. This consumption, which may have assumed the character of “feast”, is here studied, taking into account the consumed species, also discussed in the context of offerings to the buried.

On the other hand, the characteristics of this necropolis, whose data (materials and architecture) show a strong relationship with the central and eastern Mediterranean, are crucial in the discussion of the practices of oriental rituals, in the Far West of the Mediterranean world.

**Key words**

Alcácer do Sal, necropolis, Iron Age, fauna, funerary feast.

## **I. Introdução: a necrópole do Senhor dos Mártires em Alcácer do Sal**

Alcácer do Sal é um dos mais bem conhecidos sítios proto-históricos do território português. A sua importância, reconhecida internacionalmente, reside, justamente, na sua necrópole, descoberta no século XIX e escavada, extensivamente, nas décadas de 20, 60 e 80 do século passado, por Vergílio Coreia, primeiro (Correia 1925a; 1925b; 1925c; 1928; 1930a; 1930b), e António Cavaleiro Paixão, depois (Gamer-Wallert e Paixão 1983; Paixão 1970; 1971; 1982; 1983; 2014). Esta encontra-se directamente relacionada com o povoado correspondente, implantado sob o Castelo medieval (Silva *et al.* 1980-81), a qual se situa a Sudoeste daquele, estendendo-se até à margem direita do Sado, numa área com declive suave (Figs. 1, 2).

Existem outras áreas do actual núcleo urbano onde se detectaram importantes vestígios da Idade do Ferro, como a Rua do Rato (Arruda *et al.* no prelo) e o sub-solo do Museu Pedro Nunes (escavações de Marisol Ferreira).

Os espólios recolhidos na necrópole são abundantes e foram já publicados por diversas vezes e em sínteses diversas (por exemplo, Schüle 1969; Paixão 1971; 2014; Gamer-Wallert e Paixão 1983; Rouillard *et al.* 1988-89; Frankenstein 1997; Fabião 1998; Arruda 1999-2000; Arruda *et al.* 2015). Saliente-se a matriz orientalizante da sua cultura material, bem como a da própria arquitectura funerária (Arruda *idem*; 2000; 2004).

Neste contexto, importa recordar que à fase mais antiga de utilização deste espaço como necrópole, séculos VII-VI a.C., correspondem sepulturas em fossa rectangular (com e sem canal central, de incineração *in situ*) (Fig. 3) e sepulturas de incineração em *busta*, com a deposição em urna de tipo Cruz del Negro (Correia 1928; Paixão 1970; Fabião 1998; Arruda 1999-2000; 2000; 2004), mesmo que não seja ainda perceptível a relação estratigráfica entre estes dois tipos de sepultura. De qualquer modo, ambos estão bem documentados em necrópoles de idêntica cronologia e matriz cultural, de que a de Puig des Molins, em Ibiza (Gomez Bellard 1984; 1990; Gomez e Costa 2005), a de Cádiz (Perdigones *et al.* 1990), a de Jardin (Schubart e Mass Lindemann 2007) e a de Villaricos (Siret 1907; Astruc 1951; Jiménez Flores 2002), se podem considerar excelentes exemplos.

Na fase mais tardia, do século IV a.C., as incinerações são exclusivamente em urna, tendo sido usadas com essa função os conhecidos *krateres* áticos de figuras vermelhas e muito possivelmente as *Pelikes* com a mesma origem (Pereira 1962; Rouillard *et al.* 1988-89). A filiação da maior parte do espólio que se pode associar a este momento tardio da necrópole é ainda, fundamentalmente, mediterrânea.

## **2. As evidências faunísticas e o seu significado ritual**

Ainda que a visibilidade da necrópole do Senhor dos Mártires seja grande no panorama científico nacional e internacional, os dados faunísticos permaneceram inéditos, até ao momento.

A fauna recolhida é, em termos gerais, consideravelmente limitada do ponto de vista das espécies representadas, o que, de certa forma, contrasta com o observado no povoado correspondente, onde é mais diversificada, apesar de representada por ainda mais escasso número de exemplares, estando presentes espécies selvagens, como o veado e, possivelmente, o javali, a par de espécies domésticas, representadas por caprinos e bovinos (Cardoso 1995; 1996).

## 2.1. Inventário

982.58.80

0001 OSM 322

*Bos taurus*

- fragmento de úmero
- esquirola indeterminada com marca de corte

*Sus cf. domesticus*

- metade distal de úmero de pequenas dimensões, compatível com animal doméstico

T.F. IX

S-B

Q-g/10 m

20/11/80

Cf. *Canis familiaris* (?)

- diversos restos muito fragmentados inclassificáveis

OSM f81/54 3191-1

*Bos taurus* (Fig. 4)

- extremidade distal incompleta de fémur conservando-se parte da superfície articular
- três rótulas

- extremidade distal de úmero conservando parte da superfície articular, com marca de corte por cutelo, tendo-o seccionado totalmente

- diversos fragmentos de costelas
- diversos ossos inclassificáveis, com marcas de fogo

*Sus cf. domesticus*

- esquirolas com marcas de corte intencionais

3197 – 2 – vol OMS 576 TAI 25/35 cm

Cf. *Ovis aries/Capra hircus*

- diversas esquirolas com marcas de fogo e fendas de estalamento

T. F. IX S.B.A g/10 20/11/80

Cf. *Canis familiaris*

- fragmentos de diversos ossos inclassificáveis

2.9.80

T.F. X S. C. (geral) 200

- Conjunto de esquirolas inclassificáveis com intensas marcas de fogo e estalamento

3208 26/12/67 OMS 412

Talhão 3 (?) 8' entre 40 e 60 cm.

- esquirolas inclassificáveis com intensas marcas de fogo e estalamento
- concha de *Cerastoderma edule*

3212 vol. I AS 68 E-O OSM 626

15,80 – 19, 10

*Ovis aries/Capra hircus*

- rádio
- esquirolas inclassificáveis

OMS 417 Talhão B-7' 40-60 da superfície 26/12/67

*Ovis aries/Capra hircus*

- dois astrágalos de pequenas dimensões
- esquirolas com intensas marcas de fogo e estalamento
- parte posterior de calcâneo de espécie indeterminada com marcas de fogo

Tf IX/X Q h/g; 10 -1,2

Interior da sepultura escavada na rocha

*Bos taurus*

- fragmento de astrágalo com estalamento por acção do fogo
- esquirolas inclassificáveis com intensas marcas de fogo e estalamento

Cont. 3208

2 Sond. B.1 0 a 25 cm. 21/12/67 OMS 426 Terra castanha

- esquirolas inclassificáveis com intensas marcas de fogo e estalamento

Sepultura 3 OMS 15 982.2.5 (Fig. 5)

*Bos taurus*

- duas extremidades distais de fêmures com marcas de fogo de indivíduos diferentes

*Ovis aries/Capra hircus*

- astrágalo com marcas de fogo de indivíduo juvenil
- cúbito de pequeno tamanho de indivíduo juvenil, com a extremidade distal articular em falta
- esquirolas inclassificáveis com intensas marcas de fogo e estalamento

Tj – IX S.A 9 ½ + ½ j/1,2 m.

*Bos taurus*

- esquirola de grande osso indeterminado
- esquirolas inclassificáveis com intensas marcas de fogo e estalamento

Sepultura3 29/10/80 Q 9/1,2 C – 3,39

*Bos taurus*

- dois astrágalos

*Ovis aries/Capra hircus*

- três astrágalos com marcas de fogo

30/10/80

NSMT F-X S.C. Q. C /2,3 Sepultura 24/80 C 3,46

*Ovis aries/Capra hircus*

- diáfises de úmero

- diáfise de tíbia
  - astrágalo com fragmento da extremidade distal da tíbia ainda em conexão
  - esquirolas inclassificáveis com intensas marcas de fogo e estalamento
- Prolongamento Sul do Ustrinum que ladeia a Norte a sepultura dupla 19678 8/4/68
- esquirolas inclassificáveis com intensas marcas de fogo e estalamento

Sond. D (N-S) 2° N 0-50 20/12/68

- esquirolas inclassificáveis com intensas marcas de fogo e estalamento

TG b) 40-860 2/4/1968

- esquirolas inclassificáveis (humanas e faunísticas) com intensas marcas de fogo e estalamento

TK 3 120-197 20/12/67

*Sus cf. domesticus*

- 1.ª falange de indivíduo sub-adulto com falta da epífise proximal

*Oryctolagus cuniculus/Lepus sp.*

- duas tíbias
- esquirolas inclassificáveis sem marcas de fogo

Prolongamento Sul de TG parte oriental. Sup. 6/4/1968

- esquirolas inclassificáveis (humanas e faunísticas) com intensas marcas de fogo e estalamento

TK 12 de 50 -80 c,m da superfície de 28 29/12/67

- esquirolas inclassificáveis com intensas marcas de fogo e estalamento

2ª Son Sector a I Terra castanha. 25 cm.

- esquirolas inclassificáveis (humanas e faunísticas) com intensas marcas de fogo e estalamento

Talhão G/S SG H I 30-40 20/12/67

Conchas de *Scrobicularia plana*

Sem indicação

*Bos taurus*

- cabeça de fémur
- porção de metacárpico correspondente a parte distal da diáfise sem marcas de fogo
- esquirolas inclassificáveis com intensas marcas de fogo e estalamento

TA I) 90-100 da superfície

*Ovis aries/Capra hircus*

- extremidade distal de úmero
- esquirolas inclassificáveis com intensas marcas de fogo e estalamento

Murete F (?) G. de 80 a 90 cm

Cabeceira da sep. (?) 3-4 1968

*Bos taurus*

- dois corpos vertebrais, um deles com corte diametral
- esquirolas inclassificáveis
- fragmentos de ossos longos inclassificáveis com intensas marcas de fogo e estalamento

Prolongamento Sul de TO T.G I de c b de 30-60 cm. 08/04/1968

Terra castanha escura com laivos cinzentos.

- esquirolas inclassificáveis com intensas marcas de fogo e estalamento

Prolongamento do Sul do talhão G-I sobre as pedras de protecção da sepultura (zona de cinzas), sobre os pés

- esquirolas inclassificáveis com intensas marcas de fogo e estalamento

Prolongamento Sul do *Ustrinum* que ladeia a Norte a Sepultura dupla

- esquirolas inclassificáveis com intensas marcas de fogo e estalamento
- fragmentos de ossos longos inclassificáveis

OSM 575 T.AI' 25-35 cm

- esquirolas inclassificáveis (indícios de fogo menos intensos que nos outros casos)

Sondagem GI de 80 a 110 cm. Último estrato de cinzas antes de atingir a terra cozida que precede a Sep. G3A., 06/01/68

- esquirolas inclassificáveis com intensas marcas de fogo e estalamento

NSM T. F. X S.A, Q 9/I 7.11.80

Material obtido no rebaixamento da 1ª banquetta circular e acima do nível do cinzeiro.

- esquirolas inclassificáveis com intensas marcas de fogo e estalamento

N.S.M.T.F. – X S.A Q G/I, 20 cm X: -; Y: -; C: 3,64

- fragmentos de ossos humanos e esquirolas indeterminadas

Sepultura II NSM TF X AS Q g,h, i 3

*Bos taurus*

- costelas indeterminadas do mesmo indivíduo, não havendo marcas de fogo (Fig. 6)

*Ovis aries/Capra hircus*

- calcâneo e astrágalo do mesmo indivíduo

STF X AS Q 9/I – 3 7/1/80 - 3

- esquirolas inclassificáveis com intensas marcas de fogo e estalamento

STF – X MAS Q 9/I – 3 2.ª banquetta

*Ovis aries/Capra hircus*

- fragmento de coxal com estalamento por acção do fogo

STF – X AS Q 9/I – 3 7/1/80

*Ovis aries/Capra hircus*

- fémur, osso coxal e tibia de indivíduo juvenil

- astrágalo, calcâneo e rótula, provavelmente do mesmo indivíduo anterior
- superfície articular proximal de tibia, do indivíduo a que pertencem os restos anteriores
- esquirolas inclassificáveis com intensas marcas de fogo e estalamento

T. F. – IX SB Q g/9.10 Parte nascente

*Bos taurus*

- astrágalo seccionado intencionalmente a todo o comprimento com marcas de fogo
- duas porções de dois astrágalos de indivíduos diferentes
- astrágalo seccionado longitudinalmente na parte mediana

*Ovis aries/Capra hircus*

- fragmento de rádio com marcas de fogo
- esquirolas inclassificáveis com intensas marcas de fogo e estalamento

NSMTG – X SBD Q e f 18.9 Ao pé da sepultura 11. Acima deste nível X -; Y -; C 3,04

*Ovis aries/Capra hircus* (Figs. 7 e 8)

- diversos fragmentos de costelas
- diáfise de úmero, omoplata, cúbito com falta de epífise e rádio eventualmente com fractura antiga na parte média da diáfise e falta da epífise distal, de indivíduo subadulto, com vestígios de fogo.
- fragmento com superfície articular distal de úmero associado a porção de rádio, com evidentes sinais de fogo.

Cont. 3187 Vol 6 Murete FG – Canto Ocidental da sep. 95-110 cm

*Ovis aries/Capra hircus*

- Diáfise de úmero de juvenil sem marcas de fogo
- esquirolas inclassificáveis com intensas marcas de fogo e estalamento

T. F – X-IX S. B/A Q-f-j/ 4.10-1.23 Camada de revestimento de + 70 cm

Fragmento de tróclea distal de metápodo de boi ou cavalo

Esquirolas inclassificáveis com intensas marcas de fogo e estalamento

Prolongamento Sul do *Ustrinum*, que ladeia a Norte a sepultura dupla OSM 692

- esquirolas inclassificáveis com intensas marcas de fogo e estalamento

Sondagem F 0-40 cm (e) OSM 2962

- esquirolas inclassificáveis com intensas marcas de fogo e estalamento

NOSM 579

T.A 2' Sepultura a Sul. 120-130 cm. 1967. C. Paixão

- esquirolas inclassificáveis com intensas marcas de fogo e estalamento

Prolongamento Sul do T.G. I 30-60 cm Camada de terra escura suprajacente à terra vermelha. 9/4/68

*Bos taurus*

- superfície articular de omoplata de indivíduo de grandes dimensões sem marcas de fogo

*Ovis aries/capra hircus*

- Metade anterior de fémur de juvenil com falta da extremidade articular proximal

- metade distal de tibia de juvenil, com falta da epífise distal compatível com o mesmo indivíduo anterior
- fragmento de astrágalo compatível com o indivíduo anterior
- esquirolas inclassificáveis com intensas marcas de fogo e estalamento

T. G. – XI S.A. Q ½ f /2 j

*Ovis aries/Capra hircus*

- fragmento de 3.º molar superior
- esquirolas inclassificáveis com intensas marcas de fogo e estalamento

No conjunto, avultam os restos de boi doméstico, representados por porções dos membros anterior e posterior, a par de restos do esqueleto axial, com excepção do crânio. Situação semelhante observa-se para os resos de caprinos (ovelha e cabra), onde são quase exclusivos, igualmente, os ossos longos do esqueleto apendicular e elementos do esqueleto axial. Faltam as extremidades dos membros (falanges), por certos elementos com pouco interesse nos rituais de comensalidade ou como oferta funerária, contrastando com a abundância de astrágalos, tanto de boi doméstico, como de caprinos, por vezes seccionados longitudinalmente ou polidos, relacionados com manipulações de carácter propiciatório.

É de destacar a ausência de fauna caçada, com excepção de escassos restos de coelho e/ou lebre e ainda a ocorrência excepcional de moluscos, representados por espécies existentes localmente, no rio Sado, o berbigão (*Cerastoderma edule*), e a lamejinha (*Scrobicularia plana*), que assim faziam também parte das oferendas ao morto, ou do próprio banquete funerário.

Enfim, a presença provável do cão doméstico, bem como a do porco doméstico, deve ser valorizada, por razões diversas, como será adiante justificado.

## 2. 2. Significado ritual

Os dados faunísticos da necrópole do Senhor dos Mártires devem ser valorizados tendo em consideração os seus contextos específicos de recolha, correspondentes a deposições em sepulturas ou no espaço exterior às mesmas, parecendo evidente que ambas as situações deverão ter leituras diversas. De facto, os espólios arqueológicos recolhidos em necrópoles que não podem ser abordados em bloco, uma vez que é necessário distinguir entre aqueles que correspondiam aos artefactos que o defunto usava ele próprio no momento do seu funeral, os que tinham sido depositados junto dele pelos que o acompanharam nas exéquias, e os que foram utilizados por estes últimos durante a cerimónia fúnebre. Por outro lado, convém não perder de vista que os restos faunísticos identificados podem ser interpretados como o resultado das oferendas destinadas ao próprio morto, mas também corresponder a actividades de tipo sacrificial, podendo, igualmente, traduzir rituais de *simposia*, ou ainda significar culto continuado, ao longo dos anos, praticado pela família.

A fauna que pôde ser associada a sepulturas concretas tem especificidades próprias, que devemos distinguir da que foi recuperada no espaço exterior, mas anexo às sepulturas.

No primeiro dos casos, é notório o bom estado de conservação dos ossos, sobretudo dos que correspondem a bóvidos, ainda que alguns dos restos apresentem evidentes sinais de exposição ao fogo, correspondendo a marcas de estalamento. Parece tratar-se de porções de considerável dimensão. Segundo Vergílio Correia (1928), a fauna concentrava-se num dos topos das sepulturas, estando colocada sobre o espólio.

Tratando-se de sepulturas em que o rito praticado era a incineração *in situ*, tudo indica que os animais ou parte deles eram depositados junto do cadáver antes da cremação, sendo a incineração conjunta. Aliás, sabe-se que com o espólio cerâmico e metálico, a mesma situação se verificou. Esta realidade não é rara em ambientes sepulcrais peninsulares, tendo sido documentada em várias necrópoles de idêntica cronologia e filiação cultural, como as do sul da Andaluzia (Jiménez Flores 2002).

A fauna encontrada no interior das sepulturas pode ser considerada como evidência das oferendas alimentares feitas ao defunto pelos familiares, explicação que é habitualmente atribuída a este e a outros tipos de restos, como é o caso de alguns vasos cerâmicos que os podiam conter. Esta situação é bem conhecida em várias cronologias, desde pelo menos o Neolítico, encontrando-se reportada também no território português.

Contudo, não podemos deixar de referir também que outros ritos podem justificar esta realidade, concretamente o da prática de sacrifícios, como já foi proposto para as cabras da sepultura II da necrópole de Jardín (Jiménez Flores 2002: 234) e da zona D da de Puente de Noy (*Ibidem*: 235). A mesma hipótese foi considerada para os mamíferos e aves de várias sepulturas de Villaricos (*Ibidem*: 237). Porém, nos casos acima indicados, os esqueletos encontram-se bastante completos, ainda que em Alcácer do Sal o estado fragmentário se possa justificar pela deposição de apenas uma parte do animal sacrificado num ritual funerário bem conhecido, em vários cenários durante a Antiguidade. Lembre-se que o sacrifício de animais foi praticado no mundo antigo, quer, em ambiente greco-latino, quer no de raiz semita, ainda que, como se sabe, não exclusivamente em contextos funerários, mas sempre ocupando papel de relevo em actividades de carácter ritual (Lipinski 1995: 466). Concretamente para o Mediterrâneo de matriz fenícia contamos com as preciosas informações contidas nas “tarifas púnicas” de Cartago e Marselha (Guzzo 1993), que estão de acordo com o que se pode deduzir do Antigo Testamento e dos textos sírios do II milénio a.C. (Niveau 2009: 195) e no que está também bem explícito em alguma iconografia do *tophet* de Cartago (Benichou-Safar 1982).

No que concerne à realização deste ritual em ambientes sepulcrais, contamos com dados arqueológicos da Península Ibérica, onde, para além dos casos já citados, surgiram evidências igualmente em Cádiz (Niveau 2006; 2009), suportadas também por dados textuais. Arriano refere que em Cartago se ofereciam sacrifícios sobre as sepulturas (*Lib.*, 84 e 89), prática que permanece até momentos tardios na própria Fenícia, como se deduz do texto de Luciano (*Dea Syria*, 6).

O distinto significado da ocorrência de restos faunísticos quer em santuários quer em necrópoles fenício-púnicas ocidentais foi questão já discutida a propósito do estudo das necrópoles dos arredores de Cartago. Com efeito, síntese recentemente apresentada é muito clara a tal respeito, merecendo por isso larga transcrição, até por os considerandos expostos se aplicarem sem dificuldade à necrópole sadina:

“Pour la survie symbolique du défunt, des aliments solides et liquides étaient mises à sa disposition dans la tombe. Ce rituel d’offrandes est établi à Carthage et dans les villes phénico-puniques dès le VIIe. S.av.J.-C. Mais la question qui se pose, c’est de savoir s’il s’agit d’offrande alimentaire destinée au mort ou des restes d’un repas funéraire ou alors des restes d’un sacrifice funéraire? Il est difficile de répondre avec certitude à ces questions, mais nous supposons comme d’autres chercheurs, que l’offrande ne devait pas nourrir le corps du cadavre, mais son âme. D’ailleurs, les formes de céramique fermées, telles que les amphores, les cruches et les oenochoés trouvés à l’intérieur des tombes ont été destinés à contenir des offrandes liquides probablement de l’eau qui constitue une source de vie, alors que les offrandes solides étaient déposées dans des formes ouvertes. Donc, cette vaisselle en terre cuite constituait dans les croyances des Puniqes,

des objects utilitaires pour la survie du mort” (Khelifi 2014: 583).

O carácter ritual atribuído aos restos faunísticos de bovinos e de caprinos encontrados nas sepulturas de Alcácer do Sal ganha ainda mais significado se tivermos em consideração que, no âmbito Mediterrâneo, durante a Idade do Ferro, os touros, enquanto símbolos de poder e de prosperidade, se tornaram animais sagrados, estando representados em ambientes culturais de natureza diversa, sob formas muito diversificadas, mas sempre em artefactos carregados de carga simbólica. Para o actual território português, podiam referir-se as tampas de *thymiateria* alentejanos, ou a peça recentemente identificada na necrópole de Cinco Reis 5 na área de Beringel (Arruda, no prelo). O significado de uns e de outros parece, contudo, distinto, tudo indicando que os bovinos de bronze tentam encenar uma realidade sacrificial (Jiménez Ávila 2000: 341), atendendo ao facto de pertencerem a artefactos associados ao fumo e, por outro lado, à própria atitude (boca aberta, língua pendente), insinuando-se uma relação preferencial com actividades rituais, tipo sacrificial (*Ibidem*). No caso de Cinco Reis 8, o sentido iconológico parece ser outro, podendo estar relacionado com a representação de uma divindade, eventualmente oriental (Arruda 2016).

A relevância do touro associado a actividades rituais é particularmente visível na necrópole de Alcácer do Sal, onde, a par dos restos faunísticos existe a sua representação figurativa, em cerâmica, quer no interior das sepulturas quer no exterior, havendo um exemplar intacto (Fig. 9). Outros existiriam, uma vez que Vergílio Correia faz referência a vários fragmentos (Correia 1928), dos quais pelo menos uma pata se encontra em depósito no MNA. Neste caso concreto, e ainda que as formas do ritual sejam distintas, quer no suporte quer na própria organização dos ritos que elas indiciam, o significado parece ser um único, remetendo os restos de bovinos das sepulturas e os elementos coroplásticos que foram encontrados no seu interior e também no espaço adjacente, para sacrifícios rituais, os primeiros, e para a sua encenação, os segundos.

Refira-se a este propósito que, também em Alcácer do Sal, mas na área do Castelo, o santuário escavado por A. Cavaleiro Paixão e João Carlos Faria, datável entre o século IV/III a.C., ofereceu vários ex-votos, de bronze, que representam touros (Paixão 2001; Gomes 2009), evidenciando o valor simbólico do animal, bem como a sua associação a actividades de carácter religioso. Mas torna-se difícil sustentar que tais peças representem a própria divindade, até porque estão acompanhadas de muitas outras de igual tipologia, matéria prima e funcionalidade, onde as figuras humanas (masculinas e femininas) e ainda as de outros animais (canídeos e equídeos) são numerosas. A presença de estes ex-votos, que traduz devoção, pode tentar reproduzir a consagração à entidade cultuada de sacrifícios cruentes, pelo menos no que se refere aos taurinos.

Os contextos (interior das sepulturas) e sobretudo as evidências da exposição ao fogo de muitos destes restos de bovinos (que terão sido incinerados conjuntamente com o corpo do defunto) tornam difícil a sua interpretação no âmbito da actividade do “banquete funerário”, propriamente dito, apesar de não ser impossível pensar que o animal sacrificado pudesse ter sido, posteriormente, consumido pelos intervenientes no funeral, e uma sua porção, eventualmente sempre a mesma, fosse colocada junto do cadáver.

O interior das sepulturas continha peças inexistentes nos espaços exteriores. Trata-se de um conjunto expressivo de astrágalos, quer de bovinos, quer de caprinos. Neste caso, a interpretação é, apesar de tudo, mais clara. Lembramos que a recolha de astrágalos não é rara em ambientes sepulcrais da Idade do Ferro, quer no Oriente, onde são abundantíssimos, quer no Mediterrâneo Central, como é o caso de Cartago (Lancel 1982 *apud in* Almagro Gorbea 2008: 483). Na necrópole de época púnica de Útica, dita “de la Berge”, foi recolhida na sepultura I, do século IV/III a.C., um astrágalo polido atribuído a bovino. Na Península Ibérica, foram identificados nas necrópoles do Sudeste e do Levante e nas do vale do Guadalquivir, como Cruz del Negro, e ainda na Extremadura, concretamente em Medellín

(Almagro Gorbea 2008: 483). Nesta mesma região, conjuntos significativos de astrágalos foram também identificados em contextos sacros, nomeadamente em Cancho Roano (Maluquer 1981: 365) e em La Mata (Rodríguez Dias 2004). Na Rua do Rato, Alcácer do Sal, também considerado um santuário, foram igualmente recolhidos astrágalos de caprinos polidos nas faces laterais (Arruda *et al.* no prelo). Aliás, estas peças possuem larga diacronia, que em contexto mediterrâneo ascendem pelo menos ao século IX a.C., como indicam os exemplares recolhidos em contexto fenício no Corte 20 de Útica, Tunísia (Cardoso *et al.* 2016).

Cabe referir que, em contexto continental europeu, exemplares homólogos foram encontrados nas necrópoles de campos de urnas da Europa Central (Wiesner 2013), sublinhando assim a vasta distribuição geográfica e diversidade de culturas a que estas peças estão associadas, apesar da sua especificidade.

Os astrágalos têm vindo a ser conectados com a adivinhação, prática que parece ter sido importada do Oriente, o que justifica o seu aparecimento recorrente em contextos funerários e sacros. A reprodução de astrágalos em bronze, foi já documentada, por exemplo na Sicília (Spatafora e Vassalo 2002: 71-72, fig. 133c), e reforça essa sua dimensão simbólica, bem como a sua própria funcionalidade. Também nas necrópoles de Cartago se recolheram reproduções miniaturizadas de astrágalos, utilizados como pendentes, de carácter propiciatório.

Já foi proposto que outros contextos de recolha traduzam funcionalidades de tipo doméstico (raspagem de peles), sobretudo quando muito polidos nas faces posterior e anterior. É o que poderia defender-se para alguns exemplares de Útica, ou de Monte Molião (Detry e Arruda 2013), estes últimos de época romana, apesar das actividades lúdicas estarem também relacionadas com estes artefactos, desde a Antiguidade até aos nossos dias.

Estes dados, a que se juntam outros que, de acordo com as indicações que podemos colher nas etiquetas onde estavam contidos, estavam directamente associados a sepulturas, permitem afirmar que a maior parte dos restos faunísticos devem ser interpretados no quadro de actividades rituais, como é o caso dos restos de caprinos, e por que corresponderiam a oferendas funerárias, o que explica o seu estado de conservação, enquanto outros, como os astrágalos, devem ser interpretados no âmbito simbólico.

A fauna identificada nas áreas anexas às sepulturas é também abundante, sendo as espécies identificadas as mesmas, bovinos e caprinos, sendo os fragmentos ósseos de pequena dimensão, alguns com marcas de estalamento por acção do fogo. Neste caso, é provável que se trate de oferendas colocadas junto das piras funerárias e assim inteiramente consumidos pelo fogo. Ainda assim, e como já tivemos oportunidade de referir anteriormente, tais restos poderiam pertencer a animais cujas partes, para além de oferendas, poderiam ser destinadas a sacrifícios cruentes desenvolvidos durante o funeral, antecedendo o seu consumo em banquetes rituais pelos membros da comunidade.

### 3. Discussão

São escassos os elementos comparáveis susceptíveis de enquadrar a realidade identificada na necrópole de Alcácer do Sal. Os restos faunísticos resultantes de sacrifícios de animais recolhidos no *nurague* de Genna Maria di Villanovaforu pertencem a época muito distinta do conjunto em apreço, situando-se entre os séculos IV a.C. e VII d.C., pelo que é escasso o seu interesse comparativo (Fonzo e Vigne 1993). Em Malta, o santuário fenício-púnico de Tas Silg, continha uma bacia para abluções, a qual foi colmatada entre a segunda metade do século II e o século I a.C. (Mazzorin e Battafarano 2012), pelo que se afigura abusivo estabelecer comparações com o conjunto agora em estudo. Mais

importante para o fim em vista é o conjunto faunístico recolhido nos níveis púnicos da área B situada no exterior do templo (Corrado, Bonanno e Vella 2002). A formação do depósito, que continha elevado número de fragmentos de recipientes, dos quais 16% tinham colagem, foi atribuída a acção intencional relacionada directamente com as práticas rituais ali realizadas. Com efeito, a liturgia semita obrigava a cozinhar e consumir os animais sacrificados no próprio local da celebração, prescrevendo a ulterior prática de destruir o recipiente utilizado e enterrando os fragmentos com os restos alimentares e as cinzas (Niveau 2006). Os caprinos eram de longe os animais mais abundantes, com 96% dos restos identificados. Os 4% remanescentes correspondiam a restos de bovino, embora noutros sectores da escavação se tenha registado a presença de porco. Tal predominância está de acordo com o ambiente natural da ilha de Malta, rochoso e semi-árido. A predominância de caprinos expressa, por outro lado, a sua utilização maioritária, em rituais sacrificiais de época fenício-púnica. Com efeito, a placa (tarifa) de Marselha, afixada no santuário ali existente, menciona frequentemente aqueles dois animais (Guzzo 1988). Neste santuário encontram-se presentes todos os segmentos anatómicos, visto as carcaças serem esquartejadas *in loco*, sendo depois ali mesmo consumidas, como parte intrínseca do ritual. Marcas de fogo observam-se apenas nas partes do animal sacrificado dedicado à divindade; dada a baixa percentagem de restos ósseos com tais marcas (apenas 2% do total), a possibilidade admitida pelos autores é a de tais oferendas corresponderem às partes moles, sendo as restantes consumidas exclusivamente em cozidos. Tal realidade possui a confirmação no Levítico, como a forma mais frequente de consumir a carne (Guzzo 1988: 105).

Geograficamente mais próxima é a gruta-santuário púnica de Es Culleram (Eivissa).

Também aqui é nítida a predominância de restos de caprinos; apenas se reconheceu um osso de bovino e nenhum de suíno, aproximando-se assim estes resultados dos observados na necrópole em análise neste trabalho. Ao contrário do observado em Malta, todos os restos cranianos de caprinos ostentavam marcas de fogo, prova de que seria aquela a parte da carcaça oferecida à divindade, podendo-se intuir que a cabeça seria queimada no altar (Morales Pérez 2003; 2013). O esqueleto pós-craniano está representado por todos os seus segmentos anatómicos, indicado o sacrifício do animal inteiro, ulteriormente esquartejado pelos ofertantes e pelos sacerdotes. Quanto à forma como estas partes seriam consumidas, as abundantes marcas de fogo observadas (por exemplo, dos 22 restos de rádio, 10 ostentam marcas de fogo), indicam a importância dos “churrascos”, o que é compatível com as escassas evidências de extracção da medula óssea. Tanto no templo maltês, como nesta gruta-santuário, e à semelhança do observado na necrópole de Alcácer do Sal, o porco está ausente, ou quase. Esta realidade tem paralelo nas listas de animais das tarifas sacrificiais de templos fenício-púnicos, onde não consta tal espécie, o mesmo se verificando nas fontes escritas clássicas sobre os animais que os povos semíticos podiam comer, sendo os autores unânimes relativamente ao porco.

No entanto, este preceito encontra-se por vezes contrariado, mesmo em contextos de carácter ritual: na Fossa 2625 de El Carambolo, da transição do século VIII para o século VII a.C., os 783 restos identificados foram reportados a três bois, dois porcos, sete ovelhas e um coelho; no conjunto proveniente da fossa escavada por Mata Carriazo em 1958 no mesmo sítio arqueológico, cuja exploração se concluiu em 2002, cerca de 100 anos mais recente do que a Fossa 2625, o porco mantinha-se presente, sendo ambas as estruturas atribuídas a um depósito onde se acumularam os restos das oferendas realizadas no santuário, variando a importância relativa dos bovinos e dos caprinos nos dois conjuntos (Bernáldez Sánchez *et al.* 2010).

No poço púnico HX-1 de l’Hort d’en Xim, Ibiza (Saña 1994), destinado à captação de água, e cuja cronologia do enchimento se situa na segunda metade do século III a.C., o porco apresenta-se como a espécie representada pelo maior número de restos, sendo a segunda o cão doméstico, possuindo alguns exemplares marcas de corte. A inusitada abundância do cão doméstico sugere que o enchimento do

poço, perdido o seu carácter funcional, pode ter adquirido um carácter ritual, ou aproveitado materiais de enchimento resultantes de rituais realizados na sua envolvência.

A presença de cão doméstico, espécie representada residualmente na necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, é bem conhecida em contextos fenício-púnicos peninsulares que ultrapassam o simples estatuto de animal de companhia ou de trabalho. É conhecido na Península Ibérica desde o Mesolítico (Detry e Cardoso 2010), sempre representado por um número escasso de restos, em função do papel específico desempenhado pela espécie no seio das respectivas comunidades humanas. As marcas de corte por vezes observadas, como nos restos do Cerro da Rocha Branca, Silves (Cardoso 1993), são frequentemente relacionadas com sacrifícios, e não com o consumo primário da espécie, embora seja aceitável o seu consumo ritual (Cardoso e Gomes 1997). Com efeito, já o esqueleto mesolítico do Cabeço da Arruda, Muge, evidencia marcas de violência que estiveram na origem da morte, a menos que tenham sido provocadas *post-mortem* (Detry e Cardoso 2010). Tais práticas prolongaram-se no tempo. Um dos exemplos mais importante foi recentemente identificado num contexto do Bronze Pleno do interior peninsular (Liesau, Esparza Arroyo e Sánchez Polo 2014). Tais evidências são abundantes em contextos fenício-púnicos peninsulares, associadas a práticas rituais envolvendo sacrifícios de cães (Cardoso e Gomes 1997; Niveau e Ferrer 2004; Niveau 2008). Os escassos restos agora identificados na necrópole do Senhor dos Mártires não exibem quaisquer marcas, o que não significa que não tivessem sido objecto de sacrifício ritual.

A outra espécie que se encontra residualmente representada na necrópole do Olival do Senhor dos Mártires é o porco/javali, contrastando, sobretudo, com os dados conhecidos de sítios domésticos fenício-púnicos, onde são em geral mais abundantes. Assim, enquanto na necrópole Villaricos (Almería) foi reconhecida a presença do cavalo, coelho, caprinos e bovinos, mas nenhum resto de porco (Castaños 1994; Riquelme 2001), já na correspondente área urbana daquela cidade, identificou-se a presença de porco/javali, em níveis do século V e VI a.C. (Cardoso 2011). Tal realidade é compatível com a observada em diversos sítios orientalizantes de carácter habitacional como Santarém, no Baixo Tejo (Davis 2006), Almaraz, Almada (Barros, Cardoso e Sabrosa 1993), no estuário do Tejo, o santuário-palácio de Abul (Cardoso 2000), no estuário do Sado, ou o Cerro da Rocha Branca (Cardoso 1993), no antigo estuário do Arade, e possui ainda paralelos em contextos fenícios andaluzes: notou-se a preferência pelo consumo de suínos imaturos no Castillo de Doña Blanca, atingindo 4,7% do número total de restos identificados (Morales *et al.* 1994); no Cerro del Villar, em Toscanos, e no Cerro de la Tortuga, o porco é igualmente abundante (Riquelme 2001, Tabla 1).

Em conclusão, os dados faunísticos agora estudados indicam, no respeitante à presença residual do porco/javali, uma prática não muito distinta da observada na maioria dos contextos funerários e rituais fenício-púnicos do ocidente do Mediterrâneo, contrastando com os correspondentes sítios de carácter doméstico, onde a ocorrência de restos de suídeos, domésticos ou selvagens é bem conhecida.

Assim, na necrópole do Olival do Senhor dos Mártires encontra-se documentada a prática de uma actividade ritual pública centrada quase exclusivamente no consumo de bovinos e caprinos, em banquetes funerários, a par da sua utilização como oferendas aos mortos, a qual parece poder relacionar-se com o orientalismo de que se reveste a quase totalidade do espólio funerário e a própria arquitectura da necrópole.

De facto, é no Oriente que tais práticas melhor se documentam, pelo menos ao nível textual, que serão transportadas para o Mediterrâneo Central e para o Ocidente pelos colonizadores fenícios, como foi evidenciado no Norte de África (Benichou-Safar 1982: 278ss.), na Sardenha e na Sicília (Spanò-Giammellaro 2004) e na Península Ibérica (Ramos Sáinz 1990; Jiménez Flores 1994; 2000; Niveau 2009), tendo-se prolongado até pelo menos ao século III a.C., pelo menos em Cartago (Guzzo 1993).

As informações que o Antigo Testamento transmite não deixam dúvidas sobre a existência da

prática do banquete, aliás severamente criticada no “texto sagrado”.

Em Salmos, em Jeremias, em Isaías e no Levítico existem referências a práticas de banquetes fúnebres que existiram no Próximo Oriente, ainda que fossem severamente criticadas pelos textos bíblicos, como já foi devidamente explicitado (Xella 1991: 106 e ss; Jiménez Flores 1994: 128-129; 2002).

Em alguns textos sírios e babilónicos do II milénio a.C. (Nuzi, Ebla, Mari y Ugarit) também existem referências aos banquetes funerários.

No que se refere aos textos sírios, a prática de um ritual funerário que inclui um banquete está descrita e é aceite. Nas tabuinhas de Mari, por exemplo, o *Kispum* (como é referido) pode descrever-se como: «o dever dos familiares que permaneciam vivos de, sob a responsabilidade do membro mais importante da família, ocupar-se do que se pode chamar *culto dos mortos*: um pouco de água, vertida de vez em quando sobre a sepultura, juntamente com alguns restos de alimentos e, no final de cada mês, no momento em que a lua desaparecia e, de alguma forma, morria, uma refeição em família que se chamava *kispum* (em acádio a palavra alude a «repartição de comida»).

A relação entre o cuidado com os defuntos e a dádiva de comida é muito estreita, como pode observar-se no seguinte texto, um conjuro mágico encontrado em Mari: «X, que jaz morto sobre o leito, filho de Z, morto que jaz na sepultura. X: invoquei o teu nome juntamente com os restantes defuntos durante o *kispum*. Entrando agora em tua casa me encarreguei de verificar se te alimentavam: ofereci um *kispum* aos teus familiares [...]» (LKA 83,1-10).

Ainda na cidade de Mari, a prática do *kispum* está bem documentada graças aos textos administrativos, em que se indicam as oferendas dedicadas provavelmente aos «reis» ou aos membros da família real.

Outro termo que parece, pelo menos em parte, comprometido com os banquetes funerários é o de *Marzhea*, vocábulo que aparece nos textos do Oriente Médio ao longo de mais de três milénios, desde o III milénio a.C. até ao século VI d.C., entre eles em Ebla, em Emar e sobretudo em Ugarit, cidade em que, na sua última fase (ca. 1500-1200 a.C.), foram encontrados os textos (ca. 1370-1200 a.C.), em distintos arquivos que continham material literário ou textos administrativos e diplomáticos (Jiménez Flores 1994: 127 e ss).

Nestes textos, o vocábulo *Marzhea* encontra-se escrito em Acádio ou no dialecto próprio da cidade (Lipiński 1995).

No Oriente, as necrópoles que comprovam a existência do banquete funerário não abundam. Contudo, nas recentes escavações arqueológicas de Tiro Al Bass, Maria Eugenia Aubet e colaboradores encontraram abundantes vestígios faunísticos e restos de vasos em redor e sobre as sepulturas, parecendo estar documentada a prática descrita nos textos (Aubet 2015; Aubet et al. 2004).

A colonização fenícia para Ocidente transportou também rituais funerários, havendo dados que comprovam a prática de banquetes funerários.

É por exemplo o caso da necrópole de Nora, antiga colónia fenícia da Sardenha, onde, segundo Cícero, no século I a. C. se celebrava uma festa em honra dos defuntos (*Parentalia*).

Os estudos sobre as necrópoles fenícias do litoral de Málaga confirmam tais afirmações, dado que há aqui, como em nenhum outro lugar arqueológico, dados importantes sobre a prática do banquete funerário.

Em primeiro lugar, verifica-se que os mortos estão acompanhados por um conjunto ritual que reproduz, em grande parte, a cerimónia fúnebre oriental: lucernas, ânforas, jarras trilobadas, jarros de boca de cogumelo, recipientes para comida, que podem ser pratos de engobe vermelho, e vasos para beber. Na necrópole de Trayamar (Niemeyer e Schubart 1976), estes últimos, bem como as ânforas, apareceram quer no interior da câmara (*ibidem*), indiciando a prática do banquete numa fase imediatamente posterior à deposição do cadáver (Ramos 1990; Jiménez Flores 1994). Tratar-se-ia de prática efectuada no exterior da sepultura (*ibidem, ibidem*), hipótese que contraria a que foi colocada

pelos próprios escavadores (Niemeyer e Schubart 1976), mas que parece a mais plausível no quadro actual dos nossos conhecimentos. Ainda na costa de Málaga, os dados da necrópole de Jardín não se diferenciam, substancialmente dos obtidos nos hipogeus comentados anteriormente (Mass-Lindemann 1995), tal como, aliás, os recuperados em Puente de Noy, em Almuñecar (Molina e Huertas 1983).

Nas necrópoles de Cádiz, apareceram restos de atum e ossos de animais, junto ao crânio do defunto (Niveau 2009), mas a maior parte das evidências directas documentaram-se no exterior dos enterramentos, ainda que estejam conectados com eles (*ibidem*). São restos que aparecem junto das sepulturas, sobre as suas coberturas, ou nas suas proximidades, geralmente dentro da fossa funerária, depositados quando o enterramento se fecha (*ibidem*).

Uma vez que os restos orgânicos aparecem misturados com materiais cerâmicos fragmentados de forma intencional, estes vestígios têm vindo a ser considerados como evidência de banquetes funerários, que teriam lugar em momento imediatamente posterior ao encerramento da sepultura (*ibidem*).

#### 4. Síntese conclusiva

Os dados que analisámos da necrópole do Senhor dos Mártires de Alcácer do Sal não deixam dúvidas sobre as oferendas de carne, bem como o consumo de alimentos, no espaço sepulcral.

Os restos de fauna encontrados quer no interior das sepulturas quer no seu espaço exterior, configuram um conjunto de situações que remetem para a existência de complexos processos rituais, revestidos de simbologia mediterrânea, de que os sacrifícios cruentes e a comensalidade são parte importante.

Sendo quase exclusivos os restos de bovinos e de caprinos, à semelhança do que se verifica nos espaços funerários e rituais do Mediterrâneo ocidental, não deixa de ser interessante a ocorrência residual de restos de cão doméstico, cujo cunho ritual é evidente, sendo por muitos exemplos comparáveis; a presença de porco/javali é igualmente residual, o que se encontra igualmente sublinhado em consonância com a realidade observada nas escassas necrópoles fenício-púnicas e em alguns espaços sacralizados daquela época.

Os rituais a que estes restos se encontravam associados têm, nos últimos anos, sido interpretados no quadro teórico do pós-processualismo, que, como sabemos, dá uma particular importância a este tipo de situações com pesadas cargas simbólicas (Dietler 1996; 2001; Haydeen 1996; 2001). A comensalidade praticada num momento carregado de forte emoção, como é a morte, pode, efectivamente, produzir o cenário perfeito para, por um lado, criar vínculos com os antepassados, e, por outro, gerar uma memória social indispensável à própria coesão da comunidade. Serviu também para criar identidades e sentidos, e justificar, naturalizando-as, as ideologias dominantes.

#### Bibliografia

ARRUDA, A. M. (1999-2000) – *Los fenicios en Portugal: Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal*. Cuadernos de Estudios Mediterráneos. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra.

ARRUDA, A. M. (2000) – Práticas e rituais no Sul de Portugal durante a Proto-História. In *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: ADECAP, 5, p. 101-108.

ARRUDA, A. M. (2004) – Necrópoles proto-históricas do Sul de Portugal. In *El Mundo Funerário. Actas del III Seminario Internacional sobre temas fenicios*. Alicante: Universidad de Alicante, p. 457-494.

ARRUDA, A. M., FERREIRA, M., SOUSA, E., LOURENÇO, P e LIMA, J. (no prelo) – Contributos para o

conhecimento da Idade do Ferro de Alcácer do Sal: os dados da Rua do Rato. In *1º encontro de Arqueologia de Alcácer do Sal*. Alcácer do Sal: Câmara Municipal de Alcácer do Sal.

ARRUDA, A. M.; LOURENÇO, P.; LIMA, J. (2015) – Bronces fenicios en Portugal: a propósito del hallazgo de un jarro piriforme en la necrópolis do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal). In JIMÉNEZ ÁVILA, J. (Ed.) – *Phoenician bronzes in Mediterranean*. Madrid, p. 447-456.

BÉNICHOU-SAFAR, H. (1982) – *Les tombes puniques de Carthage. Topographie, structures, inscriptions et rites funéraires*. Paris.

BERNÁLDEZ SÁNCHEZ, E., GARCÍA-VINAS, E., ONTIVEROS ORTEGA, E., GÓMEZ MORÓN, A., OCAÑA GARCÍA de VEAS, A. (2010) – Del mar al basurero: una historia de costumbres. In: BANDERA ROMERO, M. L., FERRER ALBELDA, E. (Eds.), *El Carambolo. 50 años de un tesoro*. Sevilla: Universidad de Sevilla, p. 345-385.

CARDOSO, J. L. (1993) – Contribuição para o conhecimento da alimentação em contexto fenício. Estudo dos restos da Rocha Branca (Silves). *Estudos Orientais*. 4, p. 109-126.

CARDOSO, J. L. (1995) – Fenícios e indígenas em Rocha Branca, Abul, Alcácer do Sal, Almaraz e Santarém. Estudo comparado dos mamíferos. In: AUBET-SEMMLER, M. E., BARTHELEMY, M. (coords), *Actas IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Punicos (Cadiz, 1995)*. I. Cádiz: Universidad de Cádiz, p. 319-327.

CARDOSO, J. L. (1996) – Bases de subsistência em povoados do Bronze Final e da Idade do Ferro do território português. O testemunho dos mamíferos. In: *De Ulisses a Viriato. O primeiro milenio a.C.* Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 160-170.

CARDOSO, J. L. (2000) – Les mammifères d'Abul. In: MAYET, F., SILVA, C. T. (eds.), *L'Établissement phénicien d'Abul (Portugal)*. Paris : Diffusion De Boccard, p. 281-291.

CARDOSO, J. L. (2011) – A fauna de mamíferos de Villaricos: materiais recolhidos na campanha de 1987. In: LÓPEZ CASTRO, J. L., MARTÍNEZ HAHNMULLER, V., MOYA COBOS, L., PARDO BARRIONUEVO, C., *Baria I Excavaciones arqueológicas en Villaricos. La excavación de urgencia de 1987*. Almería: Editorial Universidad de Almería, p. 145-150.

CARDOSO, J. L., GOMES, M. V. (1997) – O consumo de cão, em contextos fenício-púnicos, no território português. *Estudos Orientais*. 6, p. 89-117.

CARDOSO, J. L.; LÓPEZ CASTRO, J. L.; FERJAOUI, A.; MEDEROS MARTÍN, A.; MARTÍNEZ HAHNMULLER, V. e JERBANIA, I. (2016) – What the people of Utica (Tunisia) ate in the 9th century BC. Zooarchaeology of a North African early Phoenician settlement. *Journal of Archaeological Science*.

CASTAÑOS, P. (1994) – Estudio de la fauna de la necrópolis de Villaricos (Almería). *Archaeofauna*. 3, p. 1-12.

CORRADO, A., BONANNO, A. & N. C. VELLA (2004) - Bones and bowls: preliminary interpretation of the faunal remains from the Punic levels in Area B, at the temple of Tas-Silg, Malta. In S. JONES O'DAY; S. W. VAN NEER & A. ERVYNCK (eds), *Behaviour behind bones: the zooarchaeology of ritual, statues and identity*. Oxford: Oxbow: 47-53.

CORREIA, V. (1925a) – Um amuleto egípcio da necrópole de Alcácer do Sal. *Terra Portuguesa*. 5, 41, p. 90-93.

CORREIA, V. (1925b) – Uma conferência sobre a necrópole de Alcácer do Sal. *Biblos*. I (7), p. 347-363.

CORREIA, V. (1925c) – Fechos de cinturão da necrópole de Alcácer do Sal. *Biblos*. I (6), p. 319-326.

CORREIA, V. (1928) – Escavações realizadas na necrópole de Alcácer do Sal em 1926 e 1927. *O Instituto*. 75, p. 190-201.

CORREIA, V. (1930a) – Alcácer do Sal. Esboço de uma monografia. *Biblos*. I (7), p. 40-59.

CORREIA, V. (1930b) – As fíbulas da necrópole de Alcácer do Sal. *Biblos*. 6 (7-8), p. 504-509.

DAVIS, S. J. (2006) – *Faunal remains from Alcáçova de Santarém, Portugal*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

DE GROSSI MAZZORIN, J., BATTAFARANO, M. (2012) – I resti faunistici provenienti dagli scavi di Tas-Silg a Malta: testimonianze di pratiche rituali. In: DE GROSSI MAZZORIN, J., SACCÀ, D., TOZZI, C. (Eds.), *Atti del 6º Convegno Nazionale di Archeozoologia, San Romano in Garfagnana, 2009*. Associazione Italiana di Archeozoologia-Università di Pisa, p. 357-363.

DETRY, C.; ARRUDA, A. M. (2013) - A fauna da Idade do Ferro e época romana de Monte Molião: continuidades e rupturas na dieta alimentar. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 16, p. 213-226.

DIETLER, M. (1999) – Rituals of commensality and the politics of state formation in the «princely» societies of early Iron Age Europe. In RUBY, P. (ed.) *Les princes de la protohistoire et l'émergence de l'état*. Naples/Rome, p.

135-152.

DIETLER, M. (2001) – Theorizing the Feast: Ritual of Consumption, Commensal Politics, and Power in African Contexts. In DIETLER, M. & HAYDEN, B. (eds.): *Feasts. Archaeological and Ethnographic Perspectives on Food, Politics, and Power*. Washington and London, p. 65-114.

FERNÁNDEZ GÓMEZ-PANTOJA, F., COSTA MAS, B. (2005) – Mundo funerario y sociedad en la Eivissa arcaica: una aproximación al análisis de los enterramientos de cremación en la necrópolis del Puig des Molins. In GONZÁLEZ PRATS, A. (ed.) *El mundo funerario (Actas del III Seminario Internacional sobre Temas Fenicios – homenaje al prof. D. Manuel Pellicer Catalán)*. Alicante, p. 315-407.

FONZO, O., VIGNE, J. D. (1993) – Reperti osteologici. In: LILLIU, C., CAMPUS, L., GUIDO, F., FONZO, O., VIGNE, J. D. *Genna Maria II, I. Il deposito votivo del mastio e del cortile*. Cagliari: Università di Cagliari, p. 161-173.

GAMER-WALLERT, I. e PAIXÃO, A. (1983) – A inscrição do escaravelho de Psamético I, da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires. Novos elementos para a sua interpretação. *Arqueólogo Português*. 4, 1, p. 267-272.

GARCÍA BELLIDO, A. (1970) – Algunas novedades sobre la arqueología púnico-tartesia. *AEspA*. 43, p. 3-49.

GOMES, M.V. (1986) – *Oenochoe* piriforme dos arredores de Beja. *Trabalhos de Arqueologia*. 1, p. 49-57.

GÓMEZ BELLARD, C. (1984) – *La necrópolis del Puig des Molins (Ibiza): Campaña de 1946*. Madrid.

GÓMEZ BELLARD, C. (1990) – *La colonización fenicia de la isla de Ibiza*. Madrid.

GUZZO AMADASI, M. G. (1988) – Sacrifici e banchetti: Bibbia ebraica e iscrizioni puniche. In C. GROTANELLI & N. F. PARISE (Eds.), *Sacrificio e società nel mondo antico*. Bari: Edizione Laterza: 97-122.

GUZZO, M. G. A. (1993) – Sacrifici e banchetti: Bibbiaebraica e iscrizioni puniche. In GROTANELLI, C. e PARISE, N. F. (Eds.), *Sacrificio e Società nel Mondo Antico*. Bari: Edizione Laterza, p. 97-122.

HAYDEN, B. (1996) – Feasting in the Prehistoric and traditional societies. In WIESSNER, P. & W. SCHIEFENHOVEL, W. (ed.) *Food and the status quest. An interdisciplinary perspective*. Oxford, p. 127-147.

HAYDEN, B. (2001) – Fabulous feasts: a prolegomenon to the importance of feasting. In DIETLER, M. & HAYDEN, B. (ed.) *Feasts archaeological and ethnographic perspectives on food, politics, and power*. Washington and London.

JIMÉNEZ FLORES, A. M. (1994) – Ritual funerário y sociedad: el banquete funerário en las necropolis fenicias de la Península Ibérica. *Kolaios (publicaciones ocasionales 3)*, p. 127-144

JIMÉNEZ FLORES, A. M. (2000) – Imagen y ritual: Las representaciones simposiáticas en contextos funerarios púnicos. In *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos (Cádiz, 1995)* 3. Cádiz, p. 1177-1184.

JIMÉNEZ FLORES, A. M. (2002) – *Pueblos y tumbas. El impacto oriental en los rituales funerários del Extremo Occidente*. Écija.

KHELIFI, L. (2014) – *La présence phénico-punique dans la région de Bizerte*. Thèse de Doctorat. Tunis: Faculté des Sciences Humaines et Sociales.

LIESAU VON LETTOW-VORBECH, C., ESPARZA ARROYO, A., SÁNCHEZ POLO, A. (2014) – ¿Huesos en la basura o deposito ritualizado? Los perros descuartizados de La Huelga (Dueñas, Palencia). *Zephyrus*. 74, 2, p. 89-115.

LIPINSKI, E. (1995) - *Dieux et Deesses de l'univers phenicien et punique (Orientalia Lovaniensia Analecta)*. Louvain: Peeters.

MASS-LINDEMANN, G. (1995) – La Necrópolis de Jardín (Vélez-Málaga): Los Materiales. *Cuadernos de Arqueología Mediterránea*. 1. Barcelona, p. 121-213.

MOLINA FAJARDO, F. e HUERTAS, C. (1983) - La tumba fenicia E de Puente de Noy. *Almuñécar. Arqueología e Historia*, p. 57-88.

MORALES PÉREZ, J.V. (2003) – Estudio de la fauna de la cueva-santuario púnica de EsCulleram (Sant Joan, Eivissa). *Saguntum*. 35, 113-122.

MORALES PÉREZ, J.V. (2013) – Sacrificios de animales en EsCulleram (Ibiza) y otros lugares de culto púnicos en el Mediterráneo: aproximación al hecho ritual desde la Zooarqueología. In *VI Congreso Internacional de Estudios Fenicios e Púnicos (Lisboa, 2005)*. Actas. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, 1, p. 342-349 (Estudos & Memórias, 5).

MORALES, A. CERREJO, M. A., BRANNSTOM, P., LIESAU, C. (1994) – The mammals: In Castillo de Doña Blanca. *Archaeoenvironmental investigations in the Bay of Cadiz, Spain (750-500 BC)*. Oxford: Archeopress, p. 37-79.

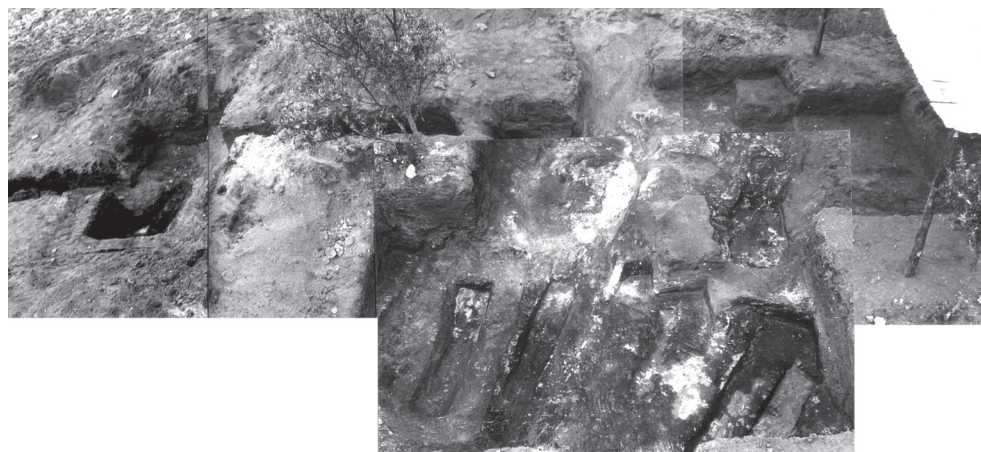
- NIVEAU, A. M. (2006) – Banquetes rituales en la necrópolis púnica de Gadir. *Gerion*. 24, p. 35-64.
- NIVEAU, A. M. (2008) – ¿Compañero en la muerte o guía hacia más allá? El perro en la liturgia funeraria púnica. In: FERRER ALDELDA, E., MAZUELOS, J. ESCACENA, J.L. (Eds.), *De dioses y bestias. Animales y religión en el mundo antiguo*. Sevilla: Universidad de Sevilla, p. 93-137.
- NIVEAU, A. M. (2009) – *Ofrendas, banquetes y libaciones. El ritual funerario en la necrópolis púnica de Cádiz*. SPAL Monografías 12. Sevilla.
- NIVEAU, A. M., FERRER ALBELDA, E. (2004) – Sacrificios de cánidos en la necrópolis púnica de Cádiz. *Huelva Arqueológica*. 20, p. 63-88.
- PAIXÃO, A. C. (1970) – *A necrópole do Senhor dos Mártires, Alcácer do Sal - Novos elementos para o seu estudo*. Lisboa. Tese de Licenciatura, policopiada.
- PAIXÃO, A. C. (1971) – O recente achado de três escaravelhos na necrópole do Senhor dos Mártires em Alcácer do Sal. In *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, p. 309-315.
- PAIXÃO, A. C. (1982) – Alcácer do Sal. *Informação arqueológica*. 2, p. 76-79.
- PAIXÃO, A. C. (1983) – Uma nova sepultura com escaravelho da necrópole proto-histórica do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal). *O Arqueólogo Português*. 4, 1, p. 273-286.
- PAIXÃO, A. C. (2014) – A necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal). Novos elementos para o seu estudo. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 21, p. 429-460.
- RAMOS SAINZ, M. L. (1990) – *Estudio sobre el ritual funerario en las necropolis fenicias y púnicas de la Península Ibérica*. Madrid.
- RIQUELME CANTAL, J.A. (2001) – Ganadería fenicio-púnica: un ensayo crítico de síntesis. In: De la Mar y de la Tierra. *Producciones y productos fenicio-púnicos*. Eivissa : Museo Arqueológico d'Eivissa y Formentera, p. 111-120.
- ROUILLARD, P.; PAIXÃO, A. C.; VILLANUEVA-PUIG, M. C. Y DURAND, J. L. (1988-89) – Les vases grecs d'Alcácer do Sal (Portugal). *O Arqueólogo Português*. 4, 6/7, p. 45-108.
- SAÑA, M. (1994) – Análisis zooarqueológico del Pozo HX-I. In: RAMON, J., *El pozo púnico del Hortd´en Xim (Eivissa)*. Eivissa: Conselleria de Cultura, Educació i Esports, p. 71-81.
- SCHULE, W. (1969) – *Die Meseta-Kulturen. Der Iberischen Halbinsel*. Madrider Forschungen. 3. Berlin: Walter de Gruyter.
- SILVA, C.T.; SOARES, J.; BEIRÃO, C.M.; DIAS, L.F.E COELHO-SOARES, A. (1980-81) – Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*. 6-7, p. 149-218.
- SPANÒ-GIAMMELLARO, A. (2004) – I luoghi della morte: impianti funerari nella Sicilia fenicia e púnica. In GONZÁLEZ PRATS, A. (ED.), *El mundo funerario. Actas del III Seminario Internacional sobre Temas Fenicios (Guardamar del Segura, 2002)*. Alicante, p. 205-252.
- WIESNER, N. (2013) – Astragali in Gräbern der mitteleuropäischen Urnenfelderkultur. *Germania*. 91, p. 89-113.
- XELLA, P. (1991) – *Imago mortisen la Siria Antigua*. In XELLA, P. (ed.), *Arqueología del Infierno. El Más Allá en el mundo antiguo Próximo-Oriental y Clásico (Verona, 1987)*. Sabadell, p. 99-124.



**Fig. 1** – Fotografia aérea com a localização estimada da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (círculo maior) e com a localização a área investigada por A. C. Paixão (Paixão, 2014, Fig. 1).



**Fig. 2** – Vista parcial das escavações efectuadas por A. C. Paixão na necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, no final da década de 1960 (Paixão, 2014, Fig. 4).



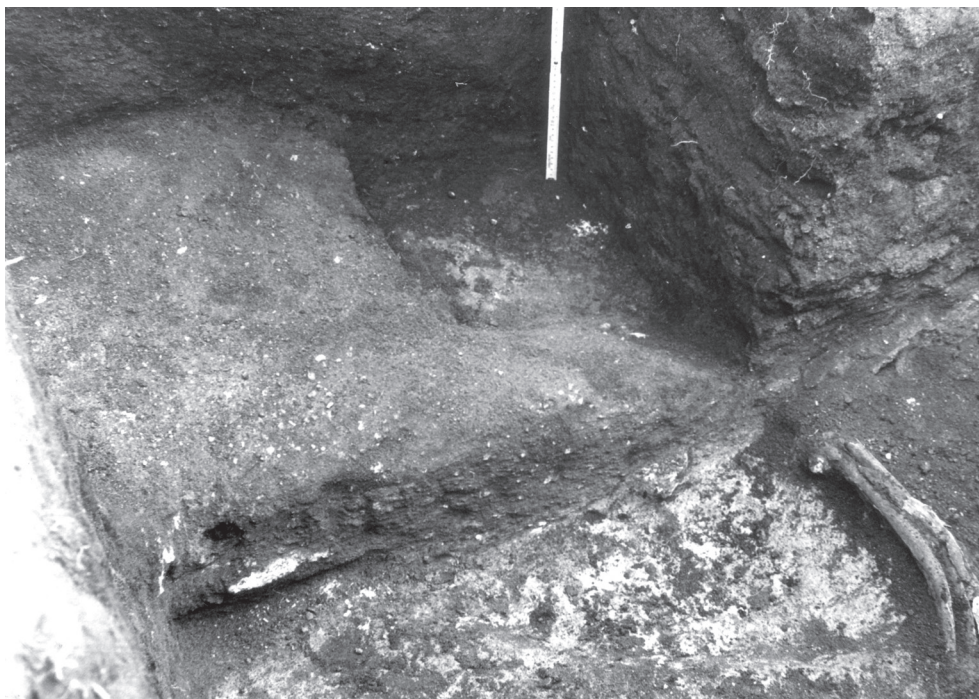
**Fig. 3** – Mosaico fotográfico com o conjunto das sepulturas escavadas na necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, no final da década de 1960 (Paixão, 2014, Fig. 2).



**Fig. 4** – Conjunto de restos de boi doméstico (*Bos taurus*) proveniente de uma sepultura. Em cima, rótula; à esquerda, extremidade articular distal incompleta de fémur; à direita, extremidade articular distal de úmero, seccionada verticalmente por cutelo (Foto J. L. Cardoso).



**Fig. 5** – Materiais ósseos provenientes da Sepultura 3. À esquerda e ao centro, fragmentos de diáfises de fêmures de boi doméstico (*Bos taurus*), com marcas de fogo evidentes (escurecimento e estalamento); astrágalo e cúbito de caprino (*Ovis aries/Capra hircus*), aquele com marcas de fogo (escurecimento); e dois ossos longos inclassificáveis, com intensas marcas de fogo por estalamento (Foto J. L. Cardoso).



**Fig. 6** – Sepultura GI I, aos pés da qual se observam três costelas de bovídeo, correspondentes a oferenda de um naco de carne (Paixão, 2014, Fig. 16).



**Fig. 7** – Materiais ósseos provenientes do estrato de cinzas sob o murete separador EII-FII (Paixão, 2014, Fig. 14).



**Fig. 8** – Materiais ósseos provenientes do local da foto anterior. Da esquerda para a direita: fragmentos de omoplata, de cúbio, de rádio e de úmero de caprino (*Ovis aries/Capra hircus*) (Foto J. L. Cardoso).



**Fig. 9** – Estatueta de bovívdeo de terracota, da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Foto J. L. Cardoso).